PSICOMOTRICIDADE E EDUCAÇÃO

AUGUSTA RODRIGUES DOS SANTOS

RESUMO:

Objetivo do presente estudo é compreender a importância da Psicomotricidade na Educação e no processo de ensino-aprendizagem das crianças em fase de letramento e alfabetização. Procurou-se conhecer as bases teóricas da Psicomotricidade, imprescindível para o desenvolvimento humano. Em seguida buscou-se o histórico da Educação Psicomotora, sendo assim nomeada por ser aplicada no âmbito escolar. As contribuições teóricas para esta elaboração partiram dos seguintes autores: Ajuariguerra (1980), Ambrósio (2010), Bueno (1998), Fávero (2004), Fonseca (1998, 2008), Furtado, Gonçalves (2010) entre outros. É relevante ressaltar a necessidade de novos estudos, com crianças na fase final de Educação Infantil e início do Ensino Fundamental para ampliação das discussões. Novos estudos e pesquisas para verificar as práticas pedagógicas focadas em aspectos psicomotores contribuem para melhores resultados das crianças no processo de alfabetização para melhores possibilidades nas habilidades e competências no desempenho em leitura e escrita.

Palavras-chave: Psicomotricidade; Educação; Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Na escola é possível reconhecer algumas crianças inquietas, que se movem o tempo todo. Outras, desastradas, que esbarram ou deixam tudo cair. Algumas sentam-se tortas, numa postura relaxada e imprópria para o movimento da escrita. Há aquelas que não conseguem se organizar no espaço, apoiam o caderno sobre o estojo e deixam tudo jogado em cima da mesa ou no chão.

É possível perceber que algumas destas dificuldades podem ser minimizadas com um trabalho de estimulação desde a Educação Infantil. Um trabalho centrado em jogos e brincadeiras que permitam o desenvolvimento das funções cognitivas (memória, atenção, percepção, linguagem e funções executivas) e que valorize a infância das crianças estimulando a criatividade, a imaginação e a concentração.

A agitação corporal, a falta de organização no espaço, de atenção, de postura, pode levar as crianças a não conseguirem se concentrar, e assim, a não se organizarem mental e corporalmente para a aprendizagem. Particularmente, com relação à alfabetização essas limitações podem levar os pequenos a traçarem mal as letras, acalcarem o lápis, a manusearem a tesoura de forma incorreta, influenciando o surgimento de dificuldades no processo de aquisição da leitura e da escrita.

O presente estudo de cunho bibliográfico visa ampliar o conhecimento acerca da psicomotricidade no processo de aprendizagem tendo em vista o diagnóstico das habilidades psicomotoras no final de cada etapa de estudo na Educação Básica.

Para atender a essas finalidades, foram delineados os seguintes objetivos específicos a saber: contribuir para a reflexão dos educadores, psicopedagogos e responsáveis pela Educação Infantil sobre as questões relacionadas à Psicomotricidade e Educação; desenvolver nos educadores as condições de possibilidades para se acreditar que as experiências e as relações das crianças com o mundo influenciam de maneira crucial na aprendizagem e entendam o desenvolvimento humano, em seus aspectos orgânico, afetivo, intelectual e sociocultural; estabelecer um vínculo com o estudo da Psicomotricidade e as habilidades psicomotoras necessárias para um processo de alfabetização mais significativo e eficaz.

É pelo desenvolvimento psicomotor que se adquire capacidades básicas para a aprendizagem escolar. É necessário que as crianças tenham um adequado controle do tônus muscular para conseguirem dominar seus movimentos e, adquirir, por consequência, satisfatória coordenação global.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 RESGATE HISTÓRICO DA PSICOMOTRICIDADE

A história da motricidade, de acordo com Lorenzon (1995) está atrelada ao campo da Educação Física e têm suas raízes nos ciclos da civilização filosófica, etnoantropológica e psicofisiológica. Segundo o autor, no período helênico, Platão apresentou a dicotomia entre a psico e a motricidade pela cisão entre o corpo e a alma. Para o filósofo, apesar de o homem ser corpo e alma, é a alma que domina, que é a parte mestra, o princípio e a finalidade. "[...] o corpo é mais um obstáculo, é uma limitação radical ou realidade terrestre. O corpo é lugar transitório da existência humana" (LORENZON, 1995, p. 17).

Com o surgimento das teorias do Cristianismo, a preocupação em relação ao corpo foi sendo deixada de lado para ênfase às questões relacionadas à alma. Ao final da Idade Média e o surgimento das ideias ilumi-

nistas, Descartes retoma o dualismo corpo e alma, presente em Platão. Para o teórico, o corpo seria movido pelo espírito.

Por volta do século XIX, com o desenvolvimento do maquinismo e valorização das profissões intelectuais em detrimento dos manuais, há, segundo Lorenzon (1995), uma exacerbação da concepção utilitarista do movimento. As pessoas foram treinadas, nas fábricas, a deixarem de lado o intelecto e trabalharem nas produções executando movimentos estagnados e repetitivos por horas.

Fiori (1981), foi o responsável pela descoberta do interior humano e do inconsciente como etapa significativa da busca que o homem realiza à procura de si mesmo, redefinindo o papel do psíquico como essencial para um corpo e vida saudável.

Dupré, influenciado pelos estudos da psicanálise, formula em 1906 o termo Psicomotricidade e começa a caminhar nas delimitações desta área. Oliveira (2010a) aponta que em 1909 esse estudioso começou a chamar atenção de seus alunos sobre o desequilíbrio motor, observando que havia uma relação entre as anomalias psicológicas e as motrizes.

Wallon, à semelhança de Dupré, apresenta a famosa classificação das síndromes psicomotoras e sustenta um paralelismo entre as manifestações motoras e psíquicas. O autor enfatizou em seus estudos a importância do aspecto afetivo como anterior a qualquer tipo de comportamento. Wallon (2007) entendeu a motricidade como uma das origens da vida intelectual, defendendo o movimento como caminho para a comunicação o psiquismo com o corpo, e assim caracterizou a motricidade como um dos elementos fundamentais da Educação.

Piaget (2002) também identificou a importância do desenvolvimento motor para a aquisição das estruturas cognitivas, principalmente antes da aquisição da linguagem. O autor desenvolveu uma corrente teórica que define o conhecimento como uma construção realizada pelo sujeito através de sua interação com o meio. Essa construção está pautada em ações que marcam uma série de degraus sucessivos e hierárquicos nomeados por Piaget como estágios de desenvolvimento.

Segundo Bueno (1998), Ajuriaguerra e Diatkine provocaram profunda mudança na história moderna da psicomotricidade, por volta dos anos 50 do século passado, ao desenvolverem as primeiras técnicas reeducativas vinculadas aos distúrbios motores. Após esses estudos, Ajuriaguerra (1980) definiu os grandes eixos da Psicomotricidade dos tempos modernos: coordenação estático-dinâmica e óculo-manual, organização espacial e temporal da gestualidade instrumental, estrutura do esquema corporal, afirmação da lateralidade e domínio tônico, entendendo que pela motricidade a criança descobre o mundo dos objetos e se desenvolve cognitivamente.

Segundo Lorenzon (1995) Ajuriaguerra procurou, também, caracterizar o distúrbio psicomotor, entendendo como tal, certas formas de debilidade motora que envolvem instabilidades e inibições psicomotoras, certas faltas de destreza de origem emocional ou devido à desordem de lateralização, dispraxias de evolução, certas disgrafias, TIC's, gagueiras e outras formas de desorganizações.

Estudiosos da Psicomotricidade começaram a focalizar mais as questões da aprendizagem e da vida psicoafetiva, englobando a personalidade global em sua totalidade. De acordo com Bueno (1998), surgem a partir daí, os sindicatos de reeducação psicomotora e algumas instituições, como o Instituto Superior de Reeducação Psicomotora fundado em 1967 por Gisele Soubiran.

Le Boulch (1982), defende a educação psicomotora em todas as idades. Graças à luta deste e de outros educadores, em 1967, na França um decreto ministerial passa a incorporar à educação formal seis horas semanais de educação psicomotora.

Fonseca (1987), a evolução da Psicomotricidade no Brasil recebeu influência, principalmente, da escola europeia, a partir das ideias de Wallon, Piaget e Ajuriaguerra. A partir destes teóricos, estudiosos brasileiros começaram a refletir sobre a importância do desenvolvimento motor. Os primeiros documentos registram o "nascimento" da Psicomotricidade na década de 50, quando alguns profissionais ligados às áreas da deficiência começavam a valorizar o corpo e o movimento como elementos interligados.

Na década de 1960 começaram a surgir as primeiras técnicas de reeducação no país, com posições contraditórias e diversos pontos de vista acerca da Psicomotricidade. De acordo com Bueno (1998) surgiu nesta época o questionamento sobre qual era a área profissional da Psicomotricidade: psicologia, educação física, ensino especial ou fonoaudiologia?

Surge assim, a necessidade de fundamentar a formação do psicomotricista e fortalecer essa linha de atuação, culminando na criação da Sociedade Brasileira de Terapia Psicomotora em abril de 1980, denominação que mais tarde foi alterada para Sociedade Brasileira de Psicomotricidade.

A Psicomotricidade ganha espaço no país e surgem inúmeros estudos, trabalhos, palestras e seminários sobre o assunto. Assim, em 1982 é realizado o I Congresso Brasileiro de Psicomotricidade, promovido pela Sociedade Brasileira de Psicomotricidade,

tendo como um dos convidados internacionais Lapierre.

De acordo com Lorenzon (1995) a psicomotricidade é definida como uma ciência que tem por objetivo o estudo do homem, através do corpo em movimento, nas relações com seu meio interno e externo.

Defontaine (1980) declara que só se pode entender a Psicomotricidade através de uma triangulação entre corpo, espaço e tempo e define a área em dois componentes: psico, elemento do espírito sensitivo, e, motricidade, traduzida pelo movimento, ou seja, mudança no espaço em função do tempo e em relação a um sistema de referência.

Fonseca (1988), por sua vez, afirma que se deve evitar uma análise deste tipo para não cair no erro de separar o psíquico e o motor, já que ambos precisam ser entendidos como uma unidade.

Assunção e Coelho (1997) definem a psicomotricidade como a educação do movimento que atua sobre o intelecto, numa relação, constante, entre pensamento e ação, englobando funções neurofisiológicas e psíquicas.

É de fundamental importância a estimulação motora, fundamental a estimulação motora, afetiva e intelectual que a família oferece à criança desde o nascimento. Porém não se pode negar a importância de um trabalho psicomotor na escola, principalmente na educação infantil, para que as crianças atinjam um bom desenvolvimento corporal.

Fonseca (2008) define a Psicomotricidade como um campo transdisciplinar que estuda e investiga as relações existentes entre o psiquismo e a motricidade. Considera o psiquismo como o conjunto do funcionamento mental que integra as sensações, as percepções, as imagens, as emoções, os afetos, os medos, as projeções, as aspirações, as representações, as simbolizações, as conceitualizações, as ideias e as construções mentais, entre outros aspectos. Defende assim, a Psicomotricidade, como essencial para o desenvolvimento de todas as crianças.

2.2 PSICOMOTRICIDADE E EDUCAÇÃO

A Educação vem contribuindo para a compreensão do papel da psicomotricidade no desenvolvimento e eficácia no processo de ensino e aprendizagem. Oliveira (1992) procurou investigar os recursos da Psicomotricidade para o contexto escolar, com o objetivo de capacitar melhor o professor para auxiliar os alunos com dificuldades em leitura e escrita.

O estudo de Gomes (1998) procurou verificar a existência de diferenças significativas entre crianças que apresentam melhor ou pior desempenho escolar, no que se refere ao desenvolvimento cognitivo e psicomotricidade. Participaram do estudo 146 crianças, entre 7 anos e 11 meses e 13 anos completos, matriculadas nas antigas 2ª e 3ª séries do Ensino Fundamental, de uma escola estadual da cidade de Campinas. O grupo de crianças foi submetido a duas provas: uma de aritmética composta por dez exercícios e uma escrita contendo três ditados com dificuldades ortográficas crescentes. Partindo dos resultados encontrados as crianças foram classificadas nas que tiveram os melhores e os piores desempenhos, excluindo as de resultado intermediário. Foi formado, então, um grupo de melhor desempenho em escrita e aritmética da 2ª série e outro da 3ª e, um de pior desempenho da 2ª série e outro da 3ª. Dessa forma, foram formados quatro grupos com 59 alunos no total. Os resultados obtidos pelas crianças destes grupos foram comparados quanto aos aspectos cognitivos e psicomotores. A comparação realizada entre os grupos de melhor e pior desempenho demonstraram que a média de acertos nas avaliações de desenvolvimento cognitivo e psicomotor foi maior entre os estudantes que apresentaram melhores desempenhos em escrita e aritmética.

Furtado (1998) avaliou o desempenho psicomotor de crianças ingressantes na antiga 1ª série do Ensino Fundamental e correlacionou-o ao nível de leitura e escrita apresentado ao final do ano letivo pelo mesmo grupo. Foram avaliadas 24 crianças de uma escola estadual do município de Londrina – Paraná, com idade variando entre 6 e 7 anos, sendo 13 meninas e 11 meninos. Constatou-se, a princípio, grande defasagem psicomotora e baixo desempenho no plano visomotor. Após, as crianças foram divididas em três subgrupos, fraco, regular e médio, de acordo com o desempenho na escrita. Foram comparados apenas o grupo forte e o fraco, com a finalidade de observar o desempenho psicomotor, a leitura e a escrita. Os resultados apontaram que os sujeitos do grupo fraco apresentaram baixo desempenho tanto na avaliação psicomotora quanto na organização grafo perceptiva e maturação visomotora. O grupo forte apresentou nas avaliações resultados acima do esperado para a idade, demonstrando, assim, a estreita relação entre as variáveis estudadas.

Fávero (2004) investigou as relações existentes entre o desenvolvimento psicomotor e a aprendizagem da escrita de alunos da 3ª série do Ensino Fundamental numa escola pública e em uma particular do município de Paranavaí – Paraná. A pesquisadora submeteu os alunos a uma avaliação psicomotora e uma de escrita. Os resultados demonstraram relações significativas entre psicomotricidade e escrita, mesmo após o período de alfabetização.

Nogueira, Carvalho e Pessanha (2007)

investigaram a influência do aspecto motor na alfabetização. Para isso, avaliaram o perfil psicomotor de 20 alunos e entrevistaram 20 professores enfocando as concepções acerca da relação existente entre alfabetização e psicomotricidade, em uma escola do Município de Campos de Goytacazes – Rio de Janeiro. O trabalho diagnosticou a relevância da formação profissional do professor, para que este seja capaz de criar estratégias e atividades que diagnostiquem as dificuldades que surgem no processo de alfabetização e auxiliem no desenvolvimento das potencialidades, possibilitando um processo de alfabetização e letramento efetivo e qualitativo.

Iza e Mello (2009) voltadas ao estudo da Psicomotricidade na Educação Infantil desenvolveram um protocolo de observação das atividades da rotina diária de uma creche do município de São Carlos – São Paulo para investigar como as atividades de Movimento eram trabalhadas com as crianças de 0 a 6 anos. Foram utilizadas vídeo gravações efetuadas nos períodos da manhã e da tarde, três vezes por semana, durante dois meses, em diferentes horários, situações e faixas etárias das crianças, de maneira que garantissem grande variedade de informações.

Foram considerados no registro das observações o tipo de atividade desenvolvida, o tempo de duração da atividade, o espaço utilizado, a sequência das atividades, o envolvimento das crianças, além de ações que retratam como a professora desenvolveu a atividade e organizou o espaço. Concluiu-se que as professoras da creche têm experiência para trabalhar com as crianças, mas falta-lhes o conhecimento de como trabalhar atividades educativas com movimento e que priorizam a manutenção das crianças em situações de não-movimento. A prática de manter as crianças quietas e caladas revela as concepções de criança e movimento das professoras, indicando a urgência de reformulação dos cursos de formação inicial e continuada de professoras de Educação Infantil.

Os estudos revelam a preocupação dos pesquisadores e a relação existente entre desenvolvimento motor e aprendizagem. Porém, faz-se necessário mais estudos sobre as práticas pedagógicas e o desenvolvimento das crianças, a situação dos alunos no período de alfabetização e a relação com o desenvolvimento psicomotor, esclarecendo as relações entre Psicomotricidade, desenvolvimento e aprendizagem.

2.3 APRENDIZAGEM E PSICOMOTRICIDADE

Segundo Bassedas (2008), no decorrer dos primeiros seis anos de vida, há algumas mudanças muito grandes em relação à capacidade de movimento dos seres humanos. A criança passa de uma situação de dependência das pessoas que cuidam dela, a uma autonomia completa, do movimento descoordenado e incontrolado, ao controle e à coordenação quase total. Por isso, os estímulos são extremamente importantes para o desenvolvimento da criança.

É fundamental que o ambiente no qual a criança conviva seja rico e estimulante. Rico, em vivências afetivas para estabelecimento de segurança e crescimento da personalidade. E, estimulante, de maneira que as interações pessoais e físicas ofereçam oportunidades de experiências e descobertas que permitam ir estruturando as bases de conhecimento do mundo e progressivo avanço cognitivo.

No entender de Gonçalves (2010) a qualidade de estimulação recebida pela criança nos primeiros anos de vida é que vai sustentar o seu desenvolvimento cognitivo, motor e emocional. De acordo com a autora, quanto mais equilibrada nestes três aspectos for a estimulação mais apta a criança estará para a aquisição de novas aprendizagens.

Wallon (1975) defende que a psicogênese no homem está ligada a dois tipos de condições, algumas orgânicas e outras relativas ao meio de que as crianças recebem os motivos de suas reações.

O recém-nascido, na nossa espécie, é um ser ainda longe de estar concluído. As suas insuficiências motoras, perceptivas e intelectuais testemunham-no. Se ele possui já todos os neurônios, de que poderá até nunca chegar a dispor, a maior parte deles não está ainda em estado de funcionar por falta de interconexões necessárias (WALLON, 1975, p. 59).

Para Wallon (1975) as interconexões só acontecerão se o ambiente proporcionar ocasiões para sua manifestação. O ambiente, de acordo com o teórico, é o complemento indispensável da função. Sem ele, as interconexões neurais permaneceriam atrofiadas.

Com a inserção das mulheres no mercado de trabalho e a rotina atribulada das famílias, as crianças começam desde muito pequenas a frequentar as escolas de Educação Infantil ou creches, as quais terão um papel fundamental no desenvolvimento das experiências exteroceptivas (que se originam nos receptores periféricos da pele, decorrentes dos estímulos vindos do ambiente); proprioceptivas (capacidade em reconhecer a localização espacial do corpo, sua posição e orientação, a força exercida pelos músculos e a posição de cada parte do corpo em relação às demais, sem utilizar a visão) e interoceptivas (conhecer as sensações internas).

É durante os primeiros anos de vida

que se constroem as estruturas básicas do pensamento, iniciam-se os mecanismos de interação com o ambiente e com a sociedade, e adquiri-se a noção da própria identidade. Por isso, a intervenção e a gestão das instituições responsáveis pela formação no âmbito da educação infantil têm a seu cargo uma tarefa profissional de grande transcendência humana e social (ARRIBAS, 2004, p. 15).

Para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e interpretativas do sujeito é fundamental um trabalho psicomotor na Educação Infantil e Ensino Fundamental, já que se configura em um suporte para alcançar aprendizagens mais elaboradas no plano cognitivo e no processo de alfabetização.

Nestas etapas da escolaridade, faz-se necessária uma prática educativa pautada em atividades intensas, experimentações e descobertas, adequadas ao nível de desenvolvimento dos alunos. Segundo Ferronatto (2006), o conhecimento psicomotor capacita e auxilia o aluno para uma melhor assimilação das aprendizagens escolares.

Le Boulch (1982) comenta que a educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola elementar, sendo vista como um ponto de partida para todas as aprendizagens escolares.

O Referencial Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) cita que é necessário o trabalho com movimento através de situações planejadas, abordando-o em suas várias dimensões.

É necessário que a instituição reflita sobre o tempo dado ao desenvolvimento motor, incorporando os diferentes significados que lhe são atribuídos.

O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana. As crianças se movimentam desde que nascem, adquirindo cada vez maior controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo. Engatinham, caminham, manuseiam objetos, correm, saltam, brincam sozinhas ou em grupo, com objetos ou brinquedos, experimentando sempre novas maneiras de utilizar seu corpo e seu movimento. Ao movimentar-se as crianças expressam seus sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo (BRASIL, 1998, p. 15).

Para Arribas (2004), através dos processos de ensino-aprendizagem, as crianças atribuem um sentido diferente da realidade que a cerca. Os conhecimentos prévios e as potencialidades de cada um, vão sendo canalizadas por meio de aprendizagens mais significativas e possibilitam conhecer, interpretar, utilizar, valorizar e aperfeiçoar a realidade.

De acordo com Meier (2010) brincar é viver, já que para uma criança brincar é tão importante para sua saúde psicológica quanto alimentar-se é para sua saúde física. De acordo com o autor, infelizmente, muitas escolas fazem uma separação entre o brincar e o aprender, como se elas ainda não soubessem que por meio de brincadeiras, jogos, brinquedos ou outras situações lúdicas a criança está aprendendo.

Infelizmente muitos professores ainda acreditam que através de brincadeiras não se ensina nada, que o correto é ficar dentro da sala, dando atividades em folha, onde a criança terá que escrever ou registrar o que está sendo trabalhado. Dessa forma, na tentativa de desenvolver a motricidade de seus alunos, esses professores fazem os mesmos preencherem folhas e mais folhas mimeografadas com bolinhas, linhas tracejadas, entre outras, acreditando que a repetição de um exercício é essencial para que as crianças se desenvolvam.

Os jogos e brincadeiras que envolvem movimentos corporais e desenvolvem a coordenação global, são boas atividades de preparação para uma aprendizagem posterior. Através dos as crianças podem adquirir funções psicomotoras extremamente importantes para o deu desenvolvimento que vem de encontro as atividades cognitivas que devem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de forma que a psicomotricidade seja uma constante nas descobertas que a criança faz e que a habilidades para seguir paras series seguintes em seu processo de ensino- aprendizagem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aquisição da escrita, assim como a leitura, exige um conjunto de habilidades complexas, cujo processo requer que o indivíduo opere em diversos níveis de representação, incluindo o aspecto motor. Apropriar-se da escrita implica compreender seus usos, funções, ser capaz de atribuir graus diferentes de significações e realizar correspondências entre fonemas e grafemas. Assim, para a alfabetização ocorrer as habilidades perceptuais e motoras são fundamentais e precisam ser tratadas como pré-requisitos essenciais.

Os princípios que regem o Referencial Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) são o respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas, respeitando o

direito das crianças de brincar como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil.

De acordo com o Referencial, o trabalho desenvolvido pelos profissionais da Educação Infantil deve estar voltado para objetivos específicos, socialização do sujeito, o desenvolvimento de suas capacidades motoras, o desenvolvimento da fala, à inserção ao mundo letrado (literatura e faz de conta), às trocas de experiências, dentre outros.

O Referencial (BRASIL, 1998) define o movimento como uma das prioridades do trabalho nesta etapa da escolaridade. Define ser necessário trabalhar as destrezas corporais, entre elas o equilíbrio, a coordenação motora ampla e fina, a orientação espacial e o ritmo. Afirma que a Educação Infantil deve favorecer o desenvolvimento integral da criança no sentido de a mesma adquirir uma imagem positiva de si mesma, auxiliando-a a descobrir o próprio corpo e suas capacidades, a estabelecer vínculos afetivos com outras crianças e adultos, a respeitar as diversidades culturais.

Nesta etapa é necessário que os alunos sejam motivados a manter a curiosidade sobre os acontecimentos ao seu redor, tornem-se agentes transformadores do meio social em que estão inseridos, respeitem e preservem a natureza, tenham liberdade de se expressar transmitindo suas emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades e utilizem as diferentes linguagens corporais.

Apesar de inúmeros documentos oficiais e estudos mostrarem a importância da psicomotricidade no processo de ensino e aprendizagem, na prática docente é possível observar grande parte dos professores deixando em segundo plano a prática psicomotora. Para Ambrósio (2010), atualmente, os professores desconhecem as funções da psicomotricidade infantil e, quando a conhecem, trabalham-na em sala de aula como uma atividade mecanizada do movimento das mãos.

Faz-se necessária a compreensão de que não existe aprendizagem sem registro corporal. A participação do corpo no processo de aprendizagem ocorre pela ação do sujeito e pela representação do mundo. O conhecimento sempre vai apresentar um nível de ação, que seria a execução dos movimentos e um nível figurativo que se interioriza no corpo. Assim, deve-se pensar o desenvolvimento da criança de forma integrada, buscando entender e relacionar os aspectos físicos, afetivos, cognitivos e sociais.

Freire (1991) propõe que só é possível aprender em um espaço onde haja liberdade e a educação esteja voltada para o corpo inteiro. Neste espaço as experiências motoras devem estar presentes todos os dias. Para Freire, a mobilidade infantil é uma característica extremamente relevante para o desenvolvimento da criança como um todo. Assim, defende que a psicomotricidade se faz imprescindível e necessária em todo o projeto escolar e, em especial, no período dos zero aos seis anos.

É relevante ressaltar a necessidade de novos estudos, com outros grupos de crianças na fase final de Educação Infantil e início do Ensino Fundamental para ampliação das discussões. Novos estudos e pesquisas voltados para verificar as práticas pedagógicas focadas em aspectos psicomotores poderiam contribuir para melhores resultados das crianças no processo de alfabetização e, afinal, no desempenho em leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, J. de. Manual de Psiquiatria Infantil. Trad. de Iria Maria R. de Castro Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

AMBRÓSIO, M. F. S. A Psicomotricidade e a Alfabetização de Alunos do 2º Ano do Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2010.

ARRIBAS, T. L. Educação Infantil: Desenvolvimento, Currículo e Organização Escolar. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ASSUNÇÃO, E. & COELHO, J. M. T. Problemas de Aprendizagem. São Paulo: Ática, 1997.

BASSEDAS, E.; HUGUET, T. & SOLE, I. Aprender e Ensinar na Educação Infantil.

Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília:

MEC/SEF; 1998. Vol. 3.

BUENO, J. M. Psicomotricidade: Teoria e Prática. São Paulo: Editora Lovise, 1998.

DEFONTAINE, J. Manuel de Rééducation Psychomotrice. Tomes1-4,

Paris: Maloine S/A Éditeur, 1980.

FÁVERO, M. T. M. Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem da Escrita. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá, 2004.

FERRONATTO, S. R. B. Psicomotricidade e Formação de Professores: Uma Proposta de Atuação. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006.

FONSECA, V. da. Escola, Escola, Quem és Tu? Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FONSECA, V. Psicomotricidade. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FONSECA, V. Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, J. B. Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física. São Paulo: Summus, 1991.

FURTADO, V. Q. Relação entre Desempenho Psicomotor e Aprendizagem da Leitura e Escrita. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

GOMES, J. A. D. G. Construção de Coordenadas Espaciais, Psicomotricidade e Desempenho Escolar. Tese de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

GONÇALVES, F. Psicomotricidade e Educação Física: Quem Quer Brincar põe o Dedo Aqui. São Paulo: Cultural Editora, 2010.

IZA, D. F. V. & MELLO, M. A. Quietas e Caladas: As Atividades de Movimento com as Crianças na Educação Infantil. Educação em revista, Belo Horizonte, V. 25 Nº 2, 2009.

LE BOULCH, J. O Desenvolvimento Psicomotor: Do Nascimento até os 6 Anos. Tradução: Ana Guardiala Brizolara. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

LORENZON, A. M. M. D. Psicomotricidade: Teoria e Prática. Porto Alegre: Edições EST., 1995.

MEIER, M. Para que brincar sozinho? Para que brincar em grupo? O Papel da Brincadeira no Desenvolvimento Cognitivo, Emocional e Social da Criança. Revista Aprendizagem, Ed. 19, 2010.

NOGUEIRA, L. A.; CARVALHO, L. A.& PESSANHA, F. C. L. A Psicomotricidade na Prevenção das Dificuldades no Processo de Alfabetização e Letramento. Perspectivas on line, Campo dos Goitacazes, 1(2), 2007.

OLIVEIRA, G. de C. Psicomotricidade: Um Estudo em Escolares com Dificuldades em Leitura e Escrita. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1992.

OLIVEIRA, G. de C. Avaliação Psicomotora à Luz da Psicologia e da Psicopedagogia. Petrópolis: Vozes, 2010a.

PIAGET, J. Seis Estudos de Psicologia. 24. Ed. São Paulo: Forense Universitária, 2002.

WALLON, H. Psicologia e Educação da Infância. Tradução: Ana Rabaça. Lisboa:

Editorial Estampa, 1975.

WALLON, H. A Evolução Psicológica da Criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.